



Neamp

Feras, Mágicos e Guerreiros: a hegemonia em jogo

José Paulo Florenzano*

Resumo

A formação do selecionado brasileiro desencadeia o complexo jogo de pressão e contrapressão envolvendo a comissão técnica, o elenco de atletas, a imprensa esportiva, o público torcedor e o poder político-econômico. A ação dos referidos atores, com efeito, adquire inteligibilidade no âmbito desta configuração social, revelando, ademais, a rede de interdependência que os reúne e opõe dentro de um processo dinâmico, aberto e sujeito a reviravoltas nas relações de poder. O referido processo encontra-se determinado, dentre outros fatores, por interesses políticos, forças econômicas e concepções de jogo. O presente artigo analisa a hegemonia conservadora estabelecida no quadro da configuração social esportiva.

Palavras chaves: Seleção Brasileira de Futebol, Arte do futebol e a hegemonia conservadora.

Abstract

When the time comes to form Brazil's national soccer team, a process is set into motion whereby a complex power and counter-power game begins involving the technical committees, cast of athletes, sporting press, the fan public, and the political and economic powers. The action of the aforementioned actors in effect becomes unintelligible under the auspices of this social configuration, furthermore revealing the network of interdependency that joins them together and places them in opposition within a dynamic and open process which is subject to upheavals in its power relationships. The aforementioned process is determined by, among other factors, political interests, economic forces, and concepts of the game. The present paper analyses the conservative hegemony established within the picture of sport's social configuration.

KEY WORDS: Brazil's national soccer team - Brazil's national football team - Seleção - art of soccer - art of football - conservative hegemony

A formação do selecionado brasileiro, no período que precede a realização de uma Copa do Mundo, desencadeia o complexo jogo de pressão e contrapressão envolvendo a comissão técnica, o elenco de atletas, a imprensa esportiva, o público torcedor e o poder político-econômico. A ação dos referidos atores, com efeito, adquire inteligibilidade no âmbito desta configuração social (Elias:1992), revelando, ademais, a rede de interdependência que os reúne

* Pós doutorando em Antropologia/ USP, Professor da PUCsp. jpflorenzano@uol.com.br.



Neamp

e opõe dentro de um processo dinâmico, aberto e sujeito a surpreendentes reviravoltas, determinadas por interesses políticos, forças econômicas, concepções de jogo, lógicas as mais diversas, como, por exemplo, a do regionalismo e a da globalização. O exercício comparativo entre as Copas do México, em 1970, e da África do Sul, em 2010, nos fornece o ponto de partida para a análise destas questões.

Dunga foi escolhido para dirigir a Seleção Brasileira na esteira do fracasso de 2006. Saldanha, de modo semelhante, fora alçado ao mesmo posto em função da crise deslançada em 1966. Nos dois casos, diagnósticos muito semelhantes elaborados pelos especialistas e formadores de opinião, a saber: descuido com a preparação física dos atletas, ausência de compromisso com a pátria, falta de organização e disciplina tática na equipe. Assim como Dunga, Saldanha também recebera a incumbência de arrumar a casa e colocar os pingos nos is: “Ganhamos duas Copas do Mundo e todo jogador se considera[va] craque e campeão. Até o massagista entrava em campo ´rebolando`” (A Gazeta Esportiva, 9 de fevereiro de 1969).

Em fevereiro de 1969, com efeito, ao assumir o cargo mais cobiçado da carreira de treinador, ele anunciava aos jornalistas a mudança crucial na identidade do selecionado canarinho: “Quero botar em campo não apenas uma equipe, mas sim ´Onze Feras`”(A Gazeta Esportiva, 9 de fevereiro de 1969). A metamorfose não foi em vão. Durante as eliminatórias, graças ao esquema ofensivo baseado no clássico 4 - 2 - 4, o Brasil obteve seis vitórias em seis jogos, assinalando vinte e três gols e sofrendo apenas dois. Sob a direção do “técnico-jornalista”(A Gazeta Esportiva, 11 de fevereiro de 1969) A equipe nacional readquirira o prestígio e a confiança perdidos desde a Copa da Inglaterra, infundindo esperanças nos torcedores quanto à conquista do tricampeonato. Todavia, no início de 1970 uma série de fatores de natureza esportiva e política, e de política esportiva, desde os interesses contrariados dos treinadores, que consideravam sua presença no cargo uma desmoralização para o conjunto da categoria, passando pelo regionalismo de amplas parcelas da imprensa paulista, inconformadas com a ausência de representantes de São Paulo na direção do selecionado (Siqueira,2007:292); e incluindo, ainda, os receios e as suspeitas dos setores mais radicais do regime militar -, determinaram a reviravolta nas expectativas e a queda do cognominado João Sem Medo, substituído, no mês de março, por Mário Lobo Zagalo. Logo na primeira oportunidade, no entanto, o recém-empossado treinador teve o zelo de inserir na lista de convocados o centroavante do Atlético Mineiro, Dario, cuja presença havia sido sugerida pelo presidente Médici e recusada por Saldanha.



Neamp

Além das injunções do regime militar, evidenciadas pela referida convocação, a definição da equipe brasileira também se achava sujeita, de um lado, à lógica do regionalismo, refletida na escalação do lateral-esquerdo Everaldo, único representante do Rio Grande do Sul, e, de outro lado, à concepção de jogo defendida pela comissão técnica, a qual previa a presença do ponta-esquerda tático encarnado por Paulo César Lima. O Velho Lobo, no entanto, não conseguia impor a escalação por ele desejada, fosse devido às manifestações de descontentamento do público torcedor nos estádios, fosse em consequência da campanha movida pela imprensa nacional, em especial a mineira e a paulista, cujos manifestos e editoriais elegiam como alvo privilegiado das críticas Roberto Miranda e Paulo César, ambos jogadores do Botafogo, isto é, da equipe de onde provinha o treinador da Seleção. Às vésperas da viagem para o México, contudo, no último amistoso realizado no Maracanã, Zagalo finalmente cedeu, conforme atestavam as manchetes da imprensa esportiva: “*Em campo o Time que o Brasil inteiro pedia*”. (O Estado de São Paulo, 29 de abril de 1970)

A decisão de promover Tostão e Rivelino à condição de titulares, eis a questão, não foi o resultado da deliberação tomada no âmbito exclusivo da comissão técnica, mas, sim, o produto das pressões deslanchadas tanto nas arquibancadas dos estádios quanto nas redações dos jornais. Ela expressava, sobretudo, o anseio dos líderes do elenco que, efetivamente, apresentaram a sugestão ao treinador para refazer a dupla formada nas eliminatórias por Tostão e Pelé. De fato, a militarização do selecionado não havia avançado o suficiente para tocar no núcleo das relações envolvendo a comissão técnica e o coletivo de atletas. Longe de corresponder ao regime de mando-obediência das organizações hierárquicas, o processo de decisão desvelava uma margem ampla de negociação a respeito da constituição da equipe e da estratégia de jogo.

A conquista do tricampeonato, entretanto, por razões internas e externas ao futebol, desequilibrara a correlação de forças a favor da comissão técnica, diminuindo o espaço de participação política dos atletas, neutralizando as influências exercidas pela opinião pública, bloqueando a interlocução com o jornalismo esportivo. Pior ainda: a ascensão dos ideólogos da modernização relegava o talento para segundo plano e transformava a produção do corpo máquina em verdadeira obsessão, ignorando a advertência feita por Saldanha a propósito do futebol-força: “*Para mim a bola não é halteres para os jogadores praticarem levantamento*”. (A Gazeta Esportiva, 6 de fevereiro de 1969). O jornalista reconhecia por certo a importância da preparação física (Máximo,1996:64), mas não a colocava acima da arte. A



Neamp

inversão de valores operada pelos ideólogos da modernização a transformava de suporte para o talento em camisa de força para o craque.

Dessa maneira, apoiado pelo regime autoritário, em sintonia com os ideais defendidos pelos militares, consolidava-se no comando da CBD o Grupo dos Cinco, composto pelo técnico Mário Lobo Zagalo, pelo capitão Cláudio Coutinho, pelos preparadores físicos Carlos Alberto Parreira e Admildo Chirol, e pelo médico Lídio Toledo. De 1970 a 2010, salvo alguns intervalos, o aludido grupo manteve-se no poder com os seus integrantes revezando-se à frente do selecionado: Zagalo em 1974 e 1998; Coutinho em 1978; Parreira em 1994 e 2006; ou, quando não diretamente, emplacando treinadores comprometidos com os seus dogmas e as suas verdades, como Lazaroni em 1990 e Dunga em 2010. A principal exceção nesta seqüência histórica encontra-se representada por Telê Santana, técnico por duas vezes, em 1982, e em 1986, cujo selecionado, especialmente o da Copa da Espanha, resgatara a tradição do futebol-arte encarnada pelos selecionados de 1958, 1962 e 1970 (o pentacampeonato de 2002, com Luís Felipe Scolari, encontra-se, por assim dizer, a meio caminho entre as duas vertentes, pois, embora sem ser membro do aludido grupo, tampouco pertencia ou se identificava com a corrente futebolística que criticava e pretendia superar a concepção hegemônica).

A era Dunga, portanto, longe de se constituir em uma ruptura com relação à seqüência histórica acima delineada, insere-se, ao contrário, de maneira harmoniosa no quadro da hegemonia conservadora implantada pelo Grupo dos Cinco, mantém os seus principais dogmas e reproduz os seus traços mais característicos. A rigor, a única mudança significativa que a distingue e marca diz respeito à lógica da globalização introduzida na composição do elenco reunido para disputar a Copa da Itália, realizada em 1990, quando, dos onze atletas escalados para a partida de estréia, nove atuavam na Europa, dentre os quais o próprio Dunga, cuja experiência internacional encerrava ensinamentos preciosos, ao menos da perspectiva do assim chamado futebol de resultados:

“Na Itália, aprendi que nada adianta jogar uma partida muito bem, com dribles e firulas, e perdê-la”. (Veja, 13 de junho de 1990)

Pouco a pouco, assim, começava a se delinear a polarização entre a derrota de 1982 e a conquista de 1994. Enquanto a primeira associava-se à fantasia que empolgara e inebriara o



Neamp

público, para, em seguida, despertá-lo na quarta-feira de cinzas; a segunda representava a sobriedade de um jogo feito à base de muita “*garra e simplicidade*”, como enfatizava Dunga, e movido por uma elevada “*dose de realismo*”, como já apregoava Lazaroni. (Veja, 6 de junho de 1990) Contra os formadores de opinião que na imprensa esportiva reclamavam dos efeitos colaterais da receita proposta e adotada nos Estados Unidos, o capitão do tetracampeonato saía a campo para defendê-la, contra-atacando o que pejorativamente se denominava futebol de espetáculo exibido na Espanha:

“Naquela Copa ganhamos roubado da União Soviética, pegamos duas ‘babas’ chamadas Escócia e Nova Zelândia, derrotamos uma Argentina se desfazendo e paramos na Itália. Que time inesquecível é esse?”(Placar, nº6, julho de 1994)

A contraposição entre 1982 e 1994, cristalizada desde a Copa dos Estados Unidos, tem induzido ao equívoco de considerar força e arte como termos antinômicos, mutuamente excludentes. Sob uma perspectiva de conjunto, pode-se afirmar que, no futebol moderno, a força se constitui na forma dominante/englobante, enquanto a arte se apresenta como a forma subordinada / englobada (Dumont,1992). Nesse sentido, o futebol moderno se define como uma concepção orientada pelo imperativo da força física, ao invés da exigência do talento, assentada na idéia segundo a qual a força da equipe reside na composição dos jogadores enquanto máquina eficiente e ajustada, engrenagem acionada por um poder que objetiva aumentar as forças do corpo do atleta, em termos econômicos de utilidade, e diminuir essas mesmas forças, em termos políticos de obediência (Foucault,1987:127). Em contrapartida, torna-se necessário re-conceituar o futebol-arte em termos mais amplos, considerando-o como uma criação histórica baseada nas práticas de liberdade que, de um lado, conduzem ao governo da equipe pelos próprios atletas, de outro lado, contemplam a possibilidade de revestir a carreira profissional de poesia (Pasolini in Piccioni,1996). Essa concepção, portanto, implica uma forma de jogar que confere primazia ao talento em detrimento da força, privilegia o valor estético em vez da significação econômica, associa de modo inextricável arte e autonomia. Além disso, ela possui uma dimensão mítica na qual a ação se desenrola e projeta, adquire novo sentido e extravasa os limites do campo esportivo, irradiando-se para todas as esferas da vida social (Florenzano,2009:33).

Sendo assim, uma vez estabelecidas as ferramentas conceituais, podemos agora retomar a questão que atravessa e polariza a história do Brasil nas Copas do Mundo. Pois, com efeito,



Neamp

nem o selecionado liderado por Dunga prescindia da técnica refinada de Mazinho, no meio de campo, ou dos talentos de Bebeto e Romário, no ataque; nem o selecionado liderado por Sócrates, Zico e Falcão ignorava a importância da preparação física e o imperativo da disciplina tática. Do ponto de vista da análise, portanto, a tarefa do pesquisador consiste em superar a antiga dicotomia e investigar qual dos dois princípios prevalece e ordena o campo de jogo dentro de uma determinada conjuntura histórica.

A da Copa de 2010, não resta dúvida, revelava a prevalência da força como princípio ordenador da máquina de guerra montada por Dunga, mecanismo acionado com o combustível político do patriotismo, como se depreende da entrevista coletiva concedida pelo treinador logo após o anúncio dos convocados para a África do Sul: “*Se não gostar de mim, de uma ou outra escolha, que goste do nosso país, que goste do Brasil*” (Folha de S. Paulo, 12 de maio de 2010). A articulação entre a comissão técnica e o elenco de atletas, selada a partir das conquistas da Copa América, Copa das Confederações e das Eliminatórias, alijava os demais atores do processo de formação do selecionado e impedia a reprodução da campanha nacional deslançada às vésperas do tetracampeonato, quando, impulsionados pelos formadores de opinião, os torcedores prestaram “*um grande serviço ao treinador Carlos Alberto Parreira*”, exigindo nos estádios a convocação de Romário, atacante a quem o coordenador-técnico Mário Lobo Zagalo considerava “*fator de desagregação da equipe*” (Guedes:1995).

É longa a relação de atletas sacrificados em nome do imperativo da força física, das exigências determinadas pelo esquema tático, do processo da normalização disciplinar. Por um critério ou outro, ou pela conjunção de todos eles, uma série de jogadores foram preteridos, cortados, postos no banco de reservas: em 1974, Ademir da Guia, Enéas e Edu; em 1978, Falcão, Sócrates e Paulo César Lima; em 1982, Reinaldo; em 1986, Renato; em 1990, Neto; em 1994, Dener (embora o acidente fatal tenha ocorrido antes da Copa dos Estados Unidos, ele não constava dos planos da comissão técnica); em 1998, Djalminha e Edmundo (o primeiro não foi sequer convocado, o segundo, apesar de incluído no elenco, figurava como regra três no momento em que se encontrava no auge da carreira); em 2002, Romário; em 2010, Neymar, Ganso e Ronaldinho Gaúcho. Olhando em retrospecto, podemos observar que mesmo nos selecionados do denominado mestre Telê Santana, associados ao futebol-arte, houve cortes determinados por comportamentos que, dentro e fora do campo, na ótica do treinador, infringiam as regras disciplinares ou desafiam o poder



Neamp

da norma. O caso de Djalminha chamava a atenção até mesmo da imprensa na Espanha. Mais uma vez relegado ao esquecimento nos preparativos do selecionado nacional para uma Copa do Mundo, o jogador recebia no *El País* uma merecida reverência à “*su magia*”. Conforme assinalava Santiago Segurola no aludido jornal: “*nadie se aproxima más que él a la idea del fútbol como felicidad*”. Por que, então, um país que encantara o mundo com um jogo associado às idéias de alegria e de magia abdicava do talento de quem as personificava dentro das quatro linhas? O articulista exprimia sua perplexidade ao mesmo tempo em que arriscava uma explicação:

“ Algo peligroso le sucede al juego cuando ni Brasil puede permitirse a Djalminha. No hay lugar en la selección para un espíritu libre, para un futbolista que se niega a aceptar el juego como algo hermético, sin alma ni brillo”. (SEGUROULA, 2000)

Ao longo dos anos noventa, junto com Dener, Edmundo e Romário, Djalminha havia sido classificado, pelo discurso de poder que atravessa a imprensa esportiva, no campo da anormalidade (Florenzano,1998). Habitado pelo espírito livre, ele de fato entrava em choque com as mudanças introduzidas pelo futebol-força. No que consistiam estas transformações? Em primeiro lugar, na valorização do papel do treinador, conferindo-lhe uma posição central no aparelho de produção dos clubes, uma vez que a ênfase no conjunto implicava uma maior complexidade no trabalho de organizá-lo, conferindo-lhe uma esquematização tática de modo a que cada jogador nela estivesse integrado, executando as funções em harmonia com o movimento dos demais. Em segundo lugar, na medicalização crescente da vida do atleta, dotando-o de maior resistência, força física e velocidade, atributos que, por sua vez, criavam novas possibilidades para o desempenho do jogador, como, por exemplo, executar a dupla função de defender e atacar num ritmo mais intenso e constante. Por fim, no desenvolvimento do mecanismo de poder encarregado de estabelecer as práticas divisoras entre o Bom Moço e o Jogador-Problema (cf.Foucault,1995), de sorte a assegurar ao aparelho de produção dos clubes a



Neamp

transformação do atleta proveniente das camadas populares em um corpo produtor de resultados, medalhas, títulos e lucros.

A coesão do grupo implicava, a cada vez, a exclusão do jogador-problema, personificado, na Copa de 2010, por Ronaldinho Gaúcho, excluído devido à incapacidade de se redimir dos pecados cometidos fora das quatro linhas, assim como das deficiências demonstradas dentro delas. Definitivamente ele não se encaixava no perfil dos guerreiros de Cristo talhado pela comissão técnica e adotado como critério de pertencimento ao elenco eleito para a campanha do hexacampeonato. Mas se a exigência da virilidade não era estranha à tradição do futebol-arte, devemos salientar, entanto, que entre as feras do João e os guerreiros de Dunga existia uma diferença crucial, pois, enquanto o primeiro convocava craques e os convertia em feras, de cuja reunião esboçava o desenho tático da equipe; o segundo relacionava soldados e os inseria como “*peças*” no esquema de jogo pré-estabelecido, sem a expectativa, obviamente, de transformá-los em craques, mas com a certeza de extrair a força máxima da engrenagem movida de acordo com o modelo da caserna, adotada e convertida na ordem natural do futebol moderno.¹ Esta concepção, por sua vez, re-afirmava o vínculo e a complementaridade entre a figura do técnico-comandante e a figura do atleta cumpridor de ordens e destruidor de jogadas, personagem exposta aos gritos emanados do banco de reservas para correr ali, combater aqui, sem jamais colocar em dúvida a cadeia de comando, tampouco o monopólio do saber que a sustenta e legitima.

Nesse sentido, a decisão de excluir Paulo Henrique Ganso da relação dos convocados, continha uma dimensão política não explicitada. Com efeito, a recusa em acatar a ordem do treinador para deixar o gramado, empreendida na final do Campeonato Paulista, entre Santos e Santo André, na partida realizada no Pacaembu, revestia-se de um significado incômodo para o exercício do poder à medida que expressava e resgatava a tradição de autonomia dos atletas brasileiros, exibindo em público o saber que lhes fora expropriado em benefício das comissões técnicas.² O episódio permite-nos, ainda, sublinhar o caráter revolucionário da

¹ A metáfora bélica também era utilizada por Saldanha para engajar os jogadores na disputa de uma Copa: “*Nesta guerra*”, enfatizava João, “*sou um soldado igual a eles*”. Mas, à diferença de Dunga, o “*técnico-jornalista*” deixava entrever a existência de relações mais igualitárias no arranjo organizacional da equipe. Cf. “*Guerra é guerra*”, *A Gazeta Esportiva*, 3 de julho de 1969.

² A cena, ocorrida no segundo tempo da partida, encontra-se assim descrita pela crônica esportiva: “O Santos perdia por 3 a 2, Roberto Brum acabara de ser expulso e deixar o time com dois jogadores a menos. Desesperado para recompor a defesa, o técnico Dorival Jr. decidiu tirar Paulo Henrique Ganso para colocar o zagueiro Bruno



Neamp

breve, mas intensa, era Saldanha, sob o aspecto em questão diametralmente oposta à da era Dunga. De fato, solicitado a definir a Seleção das Eliminatórias, o “*técnico-jornalista*” afirmava sem tergiversações: “*Só tem craques. No campo, o problema fica com eles*”. (A Gazeta Esportiva, 20 de agosto de 1969) Saldanha, com efeito, começara a resolver os seus problemas a partir do time da Vila Belmiro, reunindo nas eliminatórias, dentre outros atletas do alvinegro praiano, Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel Camargo, Clodoaldo, Pelé e Edu. Dunga, ao contrário, passara a tê-los em decorrência da “*molecada do Santos*” cuja surpreendente e inesperada aparição, no primeiro semestre de 2010, colocava em xeque os dogmas e as verdades da longa hegemonia conservadora implantada no país, proporcionando às gerais e arquibancadas porções avidamente aguardadas de fantasia, renovando o “*mito do eterno renascimento de um futebol com volúpia de gol, com imaginação e desprendimento*” (Wisnik:2010).

De fato, na constelação dos times paulistas, enquanto o Palmeiras continua empenhado em eliminar os últimos vestígios da Academia, e o São Paulo segue colhendo triunfos com a máquina de guerra movida a doses cada vez mais elevadas de “*realismo*”, o Santos afigura-se como o último círculo de liberdade, reduto inexpugnável do futebol-arte concebido sob três aspectos interligados: 1) como técnica corporal refletida nos dribles de Neymar e nas pedaladas de Robinho; 2), como prática de liberdade inscrita no gesto político de Ganso; 3) enquanto categoria mítica elaborada a partir do momento em que Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe entraram em cena para arrebataram o público torcedor e re-fundaram a instituição alvinegra (Florenzano:2009). Desse modo, produziram o advento de uma narrativa com força e brilho suficientes para fixar o modelo de equipe voltada ao ataque; inspirar a forma de jogar baseada na vertigem do drible; e legitimar o valor da autonomia na construção conjunta de um jogo que coloca em jogo as significações que giram em torno do futebol de resultados. O mito ainda vive (cf.Godelier:2001;Balandier:1999).

Aguiar. O garoto de 20 anos se aproximou da linha lateral e avisou que não sairia. Dorival então sacou o atacante André, que havia entrado minutos antes”. *Folha de S.Paulo*, 3 de maio de 2010.



Neamp

Referências bibliográficas

- BALANDIER, G. **O Dédalo: para finalizar o século XX**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1999
- DUMONT, L. *Homo Hierarchicus. O sistema das castas e suas implicações*. São Paulo, Edusp. 1992.
- ELIAS, N. **A Busca da excitação**. Lisboa, Difel. 1992
- FLORENZANO, J.P. **A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo, Educ/Fapesp. 2009.
- _____ **A rebeldia no futebol brasileiro: Afonsinho & Edmundo**, São Paulo, Musa. 1998.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 10.ed. Petrópolis, RJ, Vozes. 1987.
- _____ “Sujeito e poder”. In: RABINOW, P e DREYGUS, H. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 1995.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Vol.III Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2000.
- GODELIER, M. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2001.
- GUEDES, S. L. **O salvador da pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994**. In: Pesquisa de Campo, Rio de Janeiro, n.1, pp. 23 - 42. 1995.
- MATTOS, C. **Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro, Rocco. 1997.
- MÁXIMO, J. **João Saldanha: sobre nuvens de fantasia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará. 1996.
- PICCIONI, V. **Quando giocava Pasolini: calci, corse e parole di un poeta**. Arezzo, Limina. 1996.
- SIQUEIRA, A.I. **João Saldanha: uma vida em jogo**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 2007
- SUSSEKIND, H. **Futebol em dois tempos**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Prefeitura. 1996
- TOLEDO, L.H. de **Lógicas no futebol**. São Paulo, Hucitec/Fapesp. 2002



Neamp

WISNIK, J. M. **Dunga e o raio**. O Globo, Segundo Caderno, 15 de maio. 2010.

_____ *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
2008.